



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC
CAMPUS – VIII
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

TERESINHA VIDAL

**ANGIQUINHO HISTÓRICO E PRÉ – HISTÓRICO
UM LUGAR A SE RESSIGNIFICAR**

Paulo Afonso - BA

Novembro / 2018

Teresinha Vidal da Silva



**ANGIQUINHO HISTÓRICO E PRÉ – HISTÓRICO
UM LUGAR A SE RESSIGNIFICAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de ARQUEOLOGIA, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus VIII, para o orientador Salomão David Vergne Cardoso.

Paulo Afonso - BA

Novembro / 2018

Teresinha Vidal da Silva

Angiquinho Histórico e Pré – Histórico
Um lugar a se ressignificar

Trabalho de Conclusão de Curso/TCC apresentado no Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Aprovado em 19 de Dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Me. Salomão David Vergne Cardoso
Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus VIII

Profª Drª. Maria Cleonice Souza Vergne
Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus VIII

Prof. Admilson Freire de Carvalho
Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus VIII

Dedico esse TCC a meus pais que com muita dedicação me ensinaram o caminho da Justiça, a Alane Vidal minha sobrinha-neta pelo carinho e companhia, a Mateus Araújo pela força e colaboração em todos os anos de curso.

Agradecimento

Quanto aos agradecimentos, eles serão a todas as pessoas que foram importantes nessa caminhada:

A Dra. Cleonice, por despertar o gosto pela Pré-História, um orgulho tê-la como professora e coordenadora do curso.

Ao meu orientador Salomão Vergne;

A todos os professores do curso de Arqueologia, por compartilhar conhecimentos tão importantes;

A todos os colegas do curso que me ajudaram durante todos esses anos;

Especial agradecimento a Socorro Araújo, por estar sempre comigo, inclusive na sala de aula;

Agradeço muito à colega Juliana pela paciência em atender meus pedidos por informações e sempre o fez com muita educação, serei muito grata por isso.

A Manu, Marcos e Agostinho pela paciência.

Quem segue a justiça e a lealdade
encontra vida, justiça e honra.

Provérbios, 21:21

RESUMO

O presente trabalho tem como tema Angiquinho Histórico e Pré – Histórico um lugar a se ressignificar. Onde o objetivo é abordar a história da usina Angiquinho, como também do seu fundador empreendedor Delmiro Gouveia. A escolha deste tema, surgiu da consciência de preservação de bens patrimoniais e culturais tão necessários para a nossa história atual e para as futuras gerações. Angiquinho é um bem a ser preservado, é um sítio arqueológico com líticos, cerâmicas e gravuras rupestres.

Palavras-chave: Semiárido, Delmiro Gouveia, Usina Angiquinho, Pediplano Sertanejo.

ABSTRACT

The present work has as Angiquinho Historic and Prehistoric a place to resignify. When the objective is to approach the history of the Angiquinho mill, as well as of its founding entrepreneur Delmiro Gouveia. The choice of this theme arose from the awareness of the preservation of patrimonial and cultural assets so necessary for our current history and future generations. Angiquinho is a well to be preserved, it is an archaeological site with lithic, ceramics and rock engravings.

KEYWORDS: Semiarid, Delmiro Gouveia, Angiquinho Plant, Pediplano Sertanejo.

LISTA DE ILUTRAÇÕES

IMAGENS

Imagem 1 – O Angiquinho	16
Imagem 2 – Mapa de Alagoas.....	17
Imagem 3 – Delmiro Golveia.....	20
Imagem 4 – Casa de máquinas.....	21
Imagem 5 – Facão de pedra.....	38
Imagem 6 – Facão semilunar.....	38
Imagem 7 – Cerâmica e louças.....	42
Imagem 8 – O Angiquinho	44
Imagem 9 – Cachoeira de Paulo Afonso	45
Imagem 10 – Vergne em visita ao sitio do Angiquinho com estudantes	46

TABELAS

Tabela 1 – Ocorrências.....	43
Tabela 2 – Sítios.....	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ESTADO D'ARTE	13
1.1 BASES FÍSICAS E ARQUEOLÓGICAS	22
1.2 VEGETAÇÃO	23
1.3 OCUPAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS NO VALE DO SÃO FRANCISCO	23
2 – METODOLOGIA DA PESQUISA	26
3. BREVE HISTÓRICO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA	27
3.1 A CERÂMICA DOS SÍTIOS NORDESTINOS	32
3.2 A CERÂMICA	34
4. O SÍTIO ANGIQUINHO NO SERTÃO NORDESTINO NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO	36
4.1 LEVANTAMENTO PROSPECTIVO – OCORRÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS	39
4.2 AS OCORRÊNCIAS	41
4.3 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE ANGIQUINHO, SEGUNDO RELATÓRIO CAAPA	42
4.4 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

O estudo que resultou neste trabalho, intitulado “Angiquinho Histórico e Pré-Histórico um lugar a se ressignificar” teve como princípio o histórico da construção da Usina no início do século XX e do seu empreendedor Delmiro Gouveia, nordestino de grande capacidade, visão ampla quando se diz respeito a uma mudança no Brasil que estava se iniciando na era industrial.

O âmbito desse trabalho é apresentar Angiquinho, hidrelétrica que foi inaugurada em 1913 e também Angiquinho como patrimônio Histórico Cultural de Alagoas, localizado no distrito de Jardim Cordeiro em Delmiro Gouveia-AL.

A área em estudo é do semiárido nordestino que procuramos fazer uma breve pesquisa, com base em vários autores locais. Privilegiado pela bela visão do canyon do rio São Francisco, com seus paredões de granito e cobertura vegetal característica do Bioma Caatinga, área próxima a usina Angiquinho encavada no paredão próxima a Cachoeira de Paulo Afonso na Bahia.

O tema tem relevância histórica e pré-histórica, pois o lugar onde os vestígios foram achados é um contexto de paisagem muito significativo, com arbustos, árvores gramíneas, ervas comestíveis e medicinais, curso de água perene, no caso o grande rio São Francisco e riachos temporários. É paisagem cultural de uso de povos pretéritos e modernos, sobre isso Macedo, expõe.

As paisagens culturais constituem-se na interação entre o homem e a natureza ao longo da passagem do tempo. As paisagens culturais modernas exibem, através de suas formas, estruturas e história de uso, aspectos que remetem a sua origem e desenvolvimento, contribuindo assim a biodiversidade atual e representam um bem cultural, que deve ser preservado enquanto herança regional e nacional. Portanto, o termo paisagem cultural é aqui usado porque cobre um amplo aspecto, abordando desde aspectos ecológicos, passando através da perspectiva histórica e

biodiversidade da paisagem construída, até o futuro manejo desta paisagem herdada. As paisagens culturais formaram quem nós somos hoje, assim como são, os lugares que habitamos e que estão sendo moldadas por nós. As paisagens culturais foram e são moldadas materialmente através de todas as intervenções antrópicas no ambiente, e imaterialmente. Através da projeção das ideias, fantasias e aspirações, dos homens que as construíram (PAN, 2006), BIDEEM (MACEDO p.93).

Sobre Angiquinho Pré-Histórico a informação vem do Relatório de Atividade de Pesquisa Arqueológica no Complexo Angiquinho de julho de 2013, dá a seguinte informação:

Angiquinho, no baixo rio São Francisco assentado sobre o canyon, no pediplano sertanejo. Cujas pesquisas foram desenvolvidas pela equipe do Centro de Arqueologia de Paulo Afonso (CAAPA, em cooperação Técnica Científica, com HABITUS Assessoria & Consultoria LTDA, através do Instrumento Contratual, tipo autorização de serviço nº ASN-01.2012.6420.00, celebrado em 30 de agosto de 2012, entre a Companhia Hidroelétrica do São Francisco/CHESF e a Fundação Delmiro Gouveia/FUNDEG.

Todos os equipamentos de hidrelétrica estão recuperados, as casas das bombas e das máquinas que abrigam as turbinas da primeira hidrelétrica do Nordeste, as escadarias de metal, que desce 45 metros abaixo das rochas, escadas em espiral, com plataforma para mirante, a velha casa das máquinas, que abriga os três geradores da época, a linha férrea, a casa onde morou o pioneiro Gouveia, e a vila operária. Águas muito limpas mostram o fundo translúcido do Velho Chico, pedras, rochas fendas para todos os lados.

1. ESTADO D'ARTE

Angiquinho é o nome dado à primeira usina hidrelétrica do Nordeste, localizada na margem alagoana da cachoeira de Paulo Afonso, em meio a um dos paredões de granito que formam os canyons do rio São Francisco, no pediplano sertanejo, caracterizado pela presença de uma superfície pediplanizada e relevos em colinas e interflúvios tubulares.

Construída entre 1911 e 1913 pelo fundador da cidade de Delmiro Gouveia, o empresário cearense, Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, foi inaugurada em 26 de janeiro de 1913. Está localizada aproximadamente há 24 km do município Delmiro Gouveia – AL, na época da sua construção um marco do pioneirismo de Delmiro Gouveia.

Angiquinho está inserido na área do semiárido nordestino, com cobertura vegetal característica do Bioma caatinga, composta de arbustos, árvores, gramíneas comestíveis e medicinais, cursos d'águas perenes, o rio São Francisco é um exemplo, outros rios intermitentes, riachos temporários, aproveitáveis em épocas de cheias para a agricultura e criação de animais. Dentro desse contexto este foi ocupado por homens e mulheres ativos em tempos pretéritos ou pré-coloniais. Nessa época os povos que habitavam as diversas paisagens, falavam centenas de línguas diferentes e eram agrupadas em famílias e em troncos, os principais eram: o Tupi, o Macrojê e o Aruaqui.

Pela composição do espaço e lugar onde se situa Angiquinho e pelos vestígios encontrados, líticos e cerâmicos e pelo espaço geográfico. Angiquinho é um sítio arqueológico e histórico, sobre sítios arqueológicos e vestígios, Prous (2007, p. 14) diz o seguinte: “Os vestígios encontram-se em conjuntos que denominamos sítios arqueológicos. Estes podem conter vestígios de apenas uma ocupação ou de várias delas”. Ainda no foco de vestígio arqueológico e seu significado, segundo Pallestrini (1980)

Entendemos por vestígio arqueológico o testemunho atual da atividade de uma comunidade pré-existente, testemunho este representado, por exemplo, por um artefato de pedra, de cerâmica, um tipo de forno de cocção, de fogueira, de casa, ou de sepultamento. (p. 17).

A Usina Angiquinho, primeira da cachoeira de Paulo Afonso está localizada no município de Delmiro Gouveia, no Estado de Alagoas na microrregião do São Francisco, possui uma área de 626, 690 km² (IBGE), totalmente no domínio do clima semiárido. Delmiro Gouveia nesse período da construção da usina era distrito de Água Branca – AL, passando a categoria de município a partir do ano de 1952. (Lei Estadual nº 1628, fonte IBGE).

A Usina com potência instalada de 1100 quilowatts (kw) assegurou o fornecimento de energia para a iluminação elétrica de Pedra e o funcionamento da fábrica de Cia Agro-Fábrica, inaugurada em junho de 1914.

A frente de tudo estava o coronel Delmiro, como passou a ser chamado, responsável pela instalação de escolas, serviços médicos, cinema, banda de música, chafarizes, tipografia e estação de telégrafo.

A vila existente em Angiquinho, no distrito de Jardim Cordeiro – AL, foi construída para abrigar as famílias dos trabalhadores, da construção da usina no início do século XX e faz parte do Complexo Angiquinho.

Segundo a Gazeta de Alagoas (2007) Angiquinho, que tinha potência 1,1 megawatts, encerrou as atividades em 1960 porque já estava obsoleta diante dos 500 megawatts da hidrelétrica de Xingó, que pertence a Companhia Hidroelétrica do São Francisco - CHESF.

Patrimônio Histórico Cultural de Alagoas, o Sítio Angiquinho por determinado período foi a principal atração turística do município alagoano, na BR 423, próxima à ponte Dom Pedro II, divisa Alagoas/Bahia. Atualmente está fechada para visitação.

Sendo assim, de acordo com a Carta Internacional para a gestão do patrimônio Arqueológico do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios da UNESCO (ICOMOS, 1990, p. 02)

Está largamente reconhecido que o conhecimento e a compreensão das origens e do desenvolvimento das sociedades humanas é de fundamental importância para a identificação das suas raízes culturais e sociais. O patrimônio arqueológico constitui o registro básico das atividades humanas passadas. A sua proteção e a sua correta gestão são por isso, essenciais para permitirem aos arqueólogos e a outros estudiosos estudarem e interpretarem-nas tendo em vista as gerações atuais e futuras e o seu benefício.

Sobre a usina, esta foi um empreendimento que revolucionou tudo o que existia no semiárido do Nordeste o pesquisador e integrante da Fundação Nacional Guaxupé - FUNDEG, Edvaldo Nascimento escreve:

“A hidrelétrica de Angiquinho, empreendimento precursor da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), é algo impressionante devido ao conjunto de aspectos históricos culturais e geográficos que ele envolve. Além disso, Angiquinho é interessante porque é uma iniciativa que mostra que o Nordeste é possível e que o sertanejo é capaz”, expôs Nascimento. Ainda acrescenta: “Uma usina que foi implantada e lugar que muitos não apostavam mas que, apesar de todas as adversidades, deu certo e fez história”, completou Nascimento.

Segundo Augusto Cezar Vieira de Souza (Administrador da Chesf – Paulo Afonso/BA):

A Chesf adquiriu Angiquinho em 31 de outubro de 1957 e desde então vem mantendo a história da utilização dos recursos hídricos do rio São Francisco para gerar energia. “ Lembremos que todo Nordeste, até 1913, se utilizava do carvão vegetal como fonte de energia e somente nas capitais eram utilizados geradores a base de combustível fóssil”, completa.

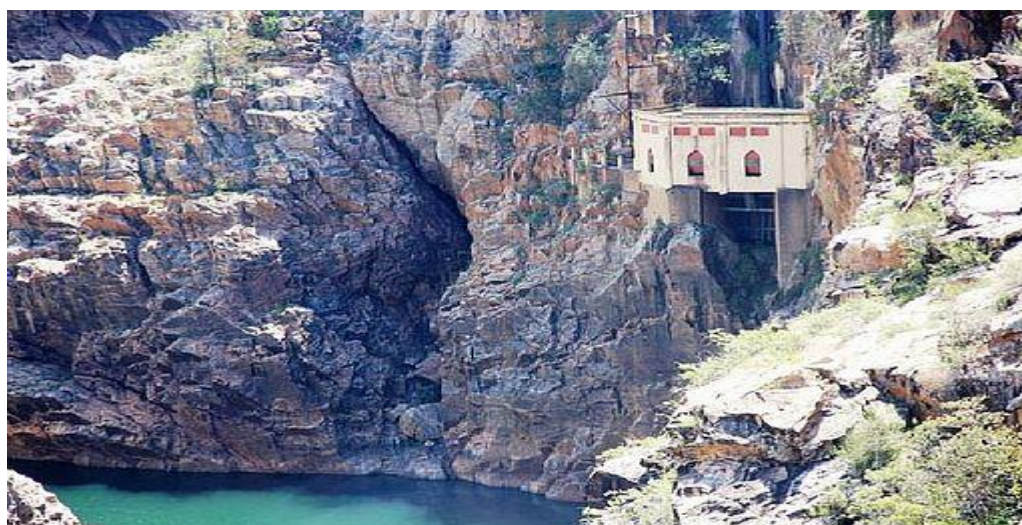


Imagem 1: Angiquinho – (arquivo FUNDEG)

Segundo informações da Prefeitura de Delmiro Gouveia (2018), com a desativação nos anos de 1960, a área histórica da hidrelétrica de Angiquinho, tornou-se com o tempo, um complexo turístico no sertão alagoano.

Em 2006, a hidrelétrica foi tombada pelo governador do Estado de Alagoas, Luís Abílio de Souza Neto, em 30 de novembro, através do processo nº 2600-082/2001, Angiquinho tornou-se um sítio Arqueológico e Histórico, sendo um Patrimônio Histórico Cultural de Alagoas.

Angiquinho, resultado de um ambicioso projeto, está preservado no meio do paredão de granito no Canyon do rio São Francisco. Cento e cinco anos após este empreendimento ser idealizado por um visionário chamado Delmiro Gouveia, Angiquinho é hoje uma área de preservação cultural.

Atualmente a área é tombada pela normativa estadual com cuja gestão é compartilhada pela Fundação Delmiro Gouveia – FUNDEG e Companhia Hidrelétrica de São Francisco – CHESF. A Folha Sertaneja em 29/01/2013, fez uma reportagem sobre o Centenário da Construção de Angiquinho, Antônio Galdino, Folha Sertaneja, transcreveu a fala do pesquisador Edvaldo Nascimento que se fazia presente naquela homenagem que foi realizada numa parceria entre FUNDEG, CHESF, IPLAN, UFAL, Prefeitura de Delmiro Gouveia, Prefeitura de Paulo Afonso e Governo do Estado de Alagoas. (GALDINO, 2013).

Edvaldo Nascimento escreveu sobre o centenário de Usina Angiquinho:

‘O centenário da Usina Angiquinho é um marco para a história e a cultura não só de Alagoas, mas do país. A Usina de Angiquinho representa a concretização do legado de Delmiro Gouveia, um homem a frente do seu tempo que conseguiu proporcionar uma revolução ao gerar energia elétrica nesta região. Angiquinho representou uma nova fase da história econômica e social da região do semiárido nordestino, e bem como é a expressão da capacidade do povo sertanejo’, ressalta.

Nascimento acrescentou:

‘O local está em processo de tombamento nacional, que encontra-se em andamento na Superintendência do IPHAN Alagoas, o processo solicitando o tombamento nacional do local. ‘Queremos este reconhecimento pelo seu valor

histórico, ambiental e por representar um imenso potencial turístico para a região.’

Autores do município de Paulo Afonso e outras regiões, escritores e pesquisadores muito tem divulgado em suas obras sobre a história de Delmiro Gouveia e seus empreendimentos em particular a usina Angiquinho, um grande avanço industrial na época. Segundo informa Galdino, (p. 86) no contexto da utilização da força hidráulica da cachoeira:

Decreto nº 520 de 12 de agosto de 1911, concedeu a firma IONA e Cia o direito de utilizar por 90 anos a força hidráulica existente nos terrenos de sua propriedade nos municípios de Água Branca e Piranhas para ser transformada em energia elétrica, podendo ser conduzida por fios ou cabos de alta e baixa tensão para qualquer território alagoano. A usina Angiquinho funcionou normalmente até 1960 quando a CHESF já estava instalada na região há mais de 10 anos e desde o final de 1954 já estava produzindo milhares de kilowatts de energia para o Nordeste.

Devido ao grande sucesso obtido com a distribuição da energia, o industrial tinha a visão da ampliação desse empreendimento e já pensava em construir uma segunda usina naquele local, que ficaria localizada à esquerda da Furna do Morcego. Sobre esse evento Galdino, informa:

Esta segunda usina geraria quase que dez vezes mais em relação à primeira. A segunda usina não foi concluída em virtude do seu assassinato em 10 de outubro de 1917. A experiência de Angiquinho serviu de base para a construção de grandes usinas como o Complexo de Paulo Afonso (a partir de 1955) a de Sobradinho (1973), Itaparica (1979) e Xingó (1987) na Bacia do São Francisco. (p.90).

Em 31 de outubro de 1957, foi encerrado um litígio entre Companhia Agro-Fábrica Mercantil e a CHESF que comprou a Usina Angiquinho e as terras onde construiria suas usinas e acampamento. A Usina Angiquinho foi desativada em 1960. (p. 95). A Usina Paulo Afonso, construída pela hidrelétrica do São Francisco foi colocada em operação comercial em dezembro de 1954. (p. 97)

A transação de venda da Usina Angiquinho à CHESF aconteceu no dia 31 de outubro de 1957 conforme escritura pública e registro de Analdo Macial, 5º Tabelião Público de Notas do Recife. (p. 97)



Imagem 2: Mapa de Alagoas

Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, (1863-1917) nasceu na fazenda Boa Vista, em Ipujuca – CE, em 05 de junho de 1863. Filho de Porfírio de Farias e Leonilda Flora da Cruz Gouveia. Seu pai lutou como voluntário na guerra do Paraguai e aí faleceu. Começou a trabalhar em várias atividades em seus 59 anos de vida, foi cobrador de trem, chefe de estação e despachante em armazém de algodão e comércio de pele. Em 1889, passa a trabalhar para o americano John Sanford intermediário de um curtume da Filadélfia, que se instalou no Recife/PE.



Imagem 3: Delmiro Gouveia, pioneiro da indústria energética do rio São Francisco

Em 1892, assumiu a gerência da filial, mas a empresa não atingiu o lucro esperado e termina fechando. Em 1898, instalou um Mercado Modelo no terreno comprado ao Derby Club. Desligado dos políticos dominantes, Delmiro era visto como ameaça aos grandes interesses agrícolas. No dia 02 de janeiro de 1900, seu mercado é incendiado e reduzido a cinza.

Em 1901, volta ao comércio de couro e constitui nova firma a Iona e Krause. Com poucos recursos, inicia a construção de um império, sua firma prospera, a Estação da Pedra transforma-se num grande entreposto comercial de peles de bode e carneiro. Segundo Luiz Rubens (2007), só a partir de 1902, é que Delmiro Gouveia, que por circunstância de fuga de Pernambuco para Água Branca, Alagoas, resolve fixar residência nas proximidades da Estação de Trem da Pedra. Ainda nesta abordagem segue informações de Rubens.

Delmiro Gouveia parte para o próximo passo, a exploração da energia da cachoeira de Paulo Afonso. Após trabalho intenso entre 1911 e 1913 a usina construída pelo empreendedor foi inaugurada.

O local escolhido por Delmiro Gouveia para a instalação da usina hidrelétrica foi a cachoeira de Paulo Afonso, entre os estados da Bahia e de Alagoas; o grande volume de águas e várias quedas da cachoeira impressionavam todos os visitantes, inclusive o imperador Dom Pedro II que lá esteve em 20 de outubro de 1859 descreve:

Tentar descrever a cachoeira em poucas páginas, e cabalmente, seria impossível, e sinto que o tempo só me permitisse tirar esboços muito imperfeitos. O terreno é todo pedregoso e se muito se tem exagerado a respeito dessa cachoeira, não sou eu exagerado dizendo que há verdadeiro perigo em percorrer todos os pontos de vista da cachoeira e principalmente descer à fuma dos morcegos, como eu fiz, dando contudo três quedas nesta última exploração, felizmente sem me machucar.

A usina hidrelétrica de Angiquinho, a primeira da cachoeira e também do Nordeste. A frente de tudo, estava o coronel Delmiro, como passou a ser chamado, responsável pela instalação de escolas, serviços médicos, cinemas, banda de música, chafarizes, tipografia e estação de telégrafo. Foram abertas estradas, construção de uma vila operária, para abrigar os trabalhadores da usina. A fábrica de linhas Estrelas, era um modelo para a época. No dia 10 de outubro de 1917, Delmiro Gouveia estava e frente ao seu chalé, perto da fábrica de Pedra, quando foi assassinado.

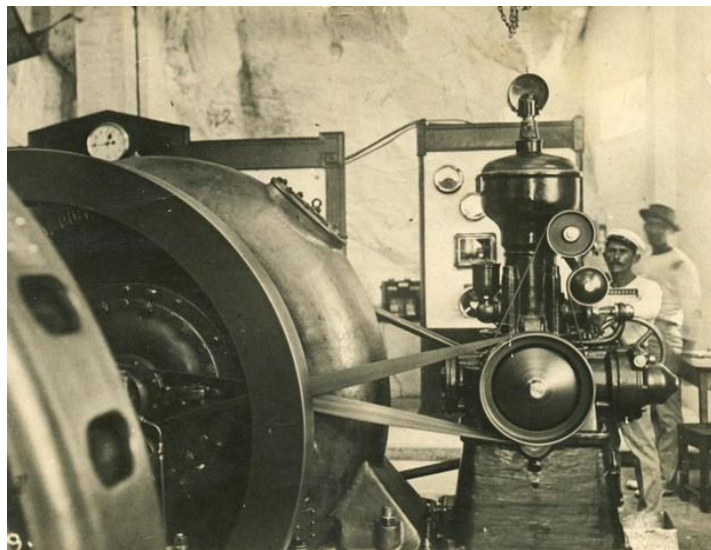


Imagem 4: Casa de máquinas (arquivo FUNDEG)

1.1 BASES FÍSICAS E ARQUEOLÓGICAS

A Bacia do São Francisco é a principal da região, formada pelo rio São Francisco e seus afluentes. São praticadas atividades de pesca, navegação e produção de energia elétrica pelas hidrelétricas de Três Marias, Sobradinho, Paulo Afonso e Xingó. A bacia delimita as divisas naturais de Bahia com Pernambuco e também de Sergipe e Alagoas, que é onde está localizada foz. Segundo Martin (1999 p. 9-10):

O São Francisco é o grande rio do Nordeste, e tem extraordinária importância na vida regional. Suas cabeceiras estão situadas no planalto mineiro, de modo que o rio nordestino é principalmente o seu médio e o baixo curso. Do Planalto da Borborema recebe tributários temporários de Pernambuco e Alagoas: o Pajeú e o Moxotó. A grande bacia do São Francisco foi um centro de atração e caminho natural de grupos pré-históricos desde os fins do pleistoceno. A partir dos relatos dos missionários, aventureiros e viajantes que se adentraram nos sertões do São Francisco, desde os começos da colonização, temos informações dos habitantes indígenas do grande vale, da sua resistência e seu paulatino extermínio ou fuga a lugares quase inacessíveis nas serras circundantes. [...] continua: porém e apesar da indubitável acumulação de dados históricos, etnográficos e arqueológicos relacionados com a ocupações indígenas, a história do vale do São Francisco ainda está por ser escrita, enquanto não se proceda à publicação da farta documentação levantada, ainda inédita em relatórios de escavações prospecções arqueológicas.

Quanto à pedologia local, no geral a vegetação se faz presente sobre uma cobertura pedológica delgada, assim sendo, rasa e de baixa absorção que bastante suscetíveis a consideráveis processos erosivos (CHESF/ENGE-RIO, 1993). Alguns tipos de solo

estão associados à presença de sais em sua composição e isso é afetado diretamente pela própria condição climática semiárida marcada pela baixa pluviosidade fazendo com que essas coberturas acumulem sais nos seus perfis.

Do ponto de vista geomorfológico, a litologia cristalina presente na área responde por formas aplainadas do tipo pedimentos, ou o chamado pediplano sertanejo. Essas unidades se portam na paisagem como extensos pedimentos que possuem caimento para a calha do rio São Francisco. As formas estruturadas em rochas metamórficas e ígneas estão em uma superfície de 200 a 250 m de altitude, constituindo a chamada depressão São Franciscana. (Vergne; Marques, 2009)

1.2 VEGETAÇÃO

As áreas de caatinga formada por árvores frutíferas como o umbuzeiro, o juazeiro, e outras, junto com a caça, asseguravam o alimento. O interior era além disto rico em matéria-prima para instrumentos líticos.

Apesar de ser uma caatinga marcada por ser hipexerófito, destacam-se também enclaves em ambientes mais úmidos. E nessas manchas pode-se observar a presença principalmente de sítios rupestres. (Vergne; Marques, 2009). Podemos acreditar que nessas terras úmidas e florestas da região, receberam os primeiros grupos humanos.

1.3 OCUPAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS NO VALE DO SÃO FRANCISCO

As mudanças paleoclimáticas representam variações no conjunto de parâmetros meteorológicos pretéritos (temperaturas, ventos e índices pluviométricos) que caracterizam os estados médios típicos da superfície terrestre. Essas mudanças processam-se em escalas espaciais mundiais, regionais e locais e também temporais, tais como centenas de milhões de anos até algumas dezenas de anos. Os objetivos dos estudos paleoclimáticos são semelhantes dos climáticos, pois visam compreender as

mudanças ocorridas através dos tempos geológicos do sistema constituído pela atmosfera, hidrosfera e criosfera. (SUGUIO, 2001)

O Quaternário é um período geológico de ótimo climático, conseqüentemente, segundo Pacheco e Romero (2011), surge o pressuposto de forrageamento ótimo que se trata do estabelecimento de áreas para a captação de recursos alimentares e estabelecimento de padrões de mobilidade e subsistência desses grupos humanos pretéritos.

De acordo com Guidon et al apud Martin e Pessis (2013 e Parenti 2001), em torno de 10.000 anos atrás o semiárido nordestino já estava ocupado por grupos humanos caçadores coletores diversificados e de grande mobilidade, uma vez que circundavam áreas entre planaltos, zonas fluviais e lacustres da região.

Contudo, é interessante notar que somente há apenas 9.000 anos atrás é que tais áreas iniciaram seus processos de desertificação ocorridos após um intenso período de chuvas ao final do Pleistoceno, ou seja, milênio após as primeiras levas de seres humanos na área.

Logo, em um clima totalmente diverso do atual, esses primeiros grupos, também designados como paleoíndios, viveram e se desenvolveram numa paisagem tropical úmida mais semelhante à região amazônica do que ao semiárido atual.

Quem escreve ou se refere à região semiárida do Nordeste do Brasil nos tempos atuais está implicitamente falando de uma paisagem majoritariamente seca, com o predomínio da caatinga, sujeita a grandes e periódicas estiagens, onde a vida é particularmente dura para os seres humanos. A descrição dos sertões nordestinos, em ensaios e trabalhos científicos, vem acompanhada de uma visão, quase sempre negativa, não raro trágica da paisagem local [...] Essas descrições [...] nada tem a ver com a paisagem que observaram e desfrutaram os primeiros homens que pisaram

no solo do imenso território quase um milhão de km², que hoje compreende o semiárido do Nordeste brasileiro. (MARTIN e PESSIS, 2013: 10)

Segundo Martin e Pessis (2003), essa grande bacia foi centro de atração e caminho natural de grupos indígenas pré-históricos que se instalaram em abrigos rochosos pouco profundos e terraços próximos ao rio. Formavam pequenos brandos que se deslocavam e acampavam temporariamente em áreas próximas ao rio de prepararem seus artefatos para caçar e pescar.

Todos os equipamentos de hidrelétrica estão recuperados, as casas das bombas e das máquinas que abrigam as turbinas da primeira hidrelétrica do Nordeste, as escadarias de metal, que desce 45 metros abaixo das rochas, escadas em espiral, com plataforma para mirante, a velha casa das máquinas, que abriga os três geradores da época, a linha férrea, a casa onde morou o pioneiro Gouveia, e a vila operária. Águas muito limpas mostram o fundo translúcido do Velho Chico, pedras, rochas fendas para todos os lados.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste trabalho foi utilizado como procedimentos metodológicos, uma abordagem descritiva, associada a pesquisa bibliográfica como: livros, artigos e eletronicamente como: a internet e também de muita importância as práticas vivenciadas em sala de aula. Os critérios de seleção dos artigos foram as referências, aos temas relacionados à sítios arqueológicos, Patrimonial material e imaterial, prospecção e escavação, material lítico e cerâmico, a importância da preservação, transformação do espaço geográfico e Ações Patrimoniais.

O Relatório de Atividades do CAAPA (Centro de Arqueologia e Antropologia de Paulo Afonso). Neste documento consta as ocorrências, os sítios, os vestígios líticos e cerâmicos encontrados fundamental para a realização deste trabalho.

3. BREVE HISTÓRICO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

Vários estudiosos da arqueologia descreve a dificuldade em seu estabelecer quando, o interesse por objetos relacionados com os tempos pretéritos da humanidade, começou a despertar nas pessoas o desejo de obtê-los, para formar suas belas coleções. Desde o século VI antes de Cristo, a História da Babilônia conta que o seu último rei Nabonido colecionou antiguidades e fez escavações em Ur.

Os primórdios da arqueologia brasileira se confundem com o início da paleontologia brasileira. Entre 1830 e 1840, Peter Wilherme Lund, um naturalista dinamarquês realizou as primeiras escavações de natureza científica em grutas da região de Lagoa Santa (MG). Além de descobrir fósseis de animais extintos, Lund encontrou restos humanos associados e estes achados estão entre os primeiros a levantar a questão das origens e da antiguidade do homem.

É relevante começar este estudo com uma revisão histórica das duas principais escolas de formação arqueológica que permitiram a consolidação da Arqueologia Brasileira: a Escola Francesa e Americana. Dentre estes profissionais da arqueologia podemos destacar os casais Chifford Evans e Betty Meggers (americanos), Joseph Emperaire e Annette Laming (franceses) e o americano Wesley R. Hurt. O que é dito por vários autores é que quase todos os arqueólogos que assumem postos de responsabilidade no Brasil, devem sua formação a estes consagrados pesquisadores.

A vinda do casal Joseph Emperaire (geógrafo) e Annette Laming (arqueóloga) em meados da década de 1940, foram responsáveis pelo início das pesquisas sistemáticas no Brasil, inclusive com datações radiocarbônicas (carbono quatorze – C14).

Assim, a partir de (1964-1966), a maioria dos trabalhos sobre material lítico foi inspirado na orientação dos Emperaire, enquanto que as pesquisas sobre cerâmica obedeceram as normas elaboradas pelos Evans.

Quando desembarcou no Brasil em 1825, Lund se surpreendeu com o que encontrou, o médico especialista em Botânica e Zoologia, viu no país, a possibilidade de realizar grandes pesquisas, aqui poderia abrigar no solo, histórias muito antigas.

O PRONAPA encerrou-se formalmente em 30 de julho de 1970, tendo como continuidade o PRONABA, programa direcionado especialmente para as pesquisas na região da Bacia Amazônica. Ainda sobre o PRONAPA Martin (1996) diz o seguinte:

A orientação pragmática na pesquisa arqueológica leva consigo o perigo de conclusões tendenciosas e parciais, ao não se ter objetivos definidos e previamente organizados. A arqueologia brasileira pecou, nos seus princípios, pelo pragmatismo, pelo isolamento dos poucos pesquisadores num território imenso e desconhecido arqueologicamente e pela necessidade de uma maior e melhor preparação teórica entre os primeiros grupos de esforçados pesquisadores, quase todos autodidatas. Nesse sentido, o PRONAPA foi benéfico, na medida em que procurou unificar objetivos e metodologias. Não o foi tanto o continuísmo de quem aprendeu "a cartilha" e a ela continuou atrelado sem maiores questionamentos críticos.

Deste sua chegada ao Brasil, no ano de 1949, o espanhol Valentín Rafael Simon Joaquim Calderón de La Vara, atuou ativamente e em diversas frentes para a preservação do patrimônio cultural brasileiro.

No mesmo período, Valentín Calderón foi membro do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), projeto coordenado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e pela Smithsonian Institution, e que tinha como objetivo realizar um mapeamento dos sítios arqueológicos existentes nas cinco regiões do Brasil, Calderón foi um dos responsáveis pela pesquisa da Região Nordeste.

Em 1969, propôs à Reitoria da Universidade Federal da Bahia a criação do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFBA). O museu só se tornaria realidade no ano de 1983, três anos após sua morte quando foi inaugurado no subsolo do prédio da faculdade de medicina, nas ruínas do antigo colégio Jesuíta.

No ano de 2013 o MAE/UFBA recebeu o arquivo pessoal do pesquisador através de uma doação de sua viúva, Lúcia Calderón.

No Nordeste a sua pesquisa concentrou-se basicamente em três contextos arqueológicos, a Chapada Diamantina/BA identificando vários sítios de pinturas rupestres, o Submédio do Rio São Francisco nas margens baiana e pernambucana, onde escavou a Gruta do Padre, no nordeste da Bahia na bacia do rio São Francisco, coordenou o Salvamento de UHE de Sobradinho.

Segundo Martim (p. 24), a Gruta do Padre no vale médio do São Francisco conhecida pelos antigos moradores de Itaparica, foi citada pela primeira vez, por Carlos Estevão, que a escavou na década de 30.

Dando continuidade as atividades de Calderón no Nordeste, é importante as informações de Martin (1996, p. 27):

Calderón escavou o sambaqui de Pedra Oca, no município de Periperi, no Recôncavo, e realizou prospecções em outros da ilha de Itaparica, publicando uma monografia da escavação que é sem dúvida, o seu trabalho mais completo (1994). Realizou também prospecções na Chapada Diamantina levantando numerosos sítios com registros rupestres e iniciou uma classificação prévia. Porém, o seu trabalho mais importante foi a escavação da Gruta do Padre em Pernambuco, já dentro do PRONAPA, a partir da qual estabeleceu o conceito na tradição Itaparica de caçadores-

coletores pré-históricos do semiárido e obteve as primeiras datações radiocarbônicas da região.

Em Martin (1996, p. 170), a partir da escavação da Gruta do Padre, Valentin Calderón estabeleceu em 1969, a tradição Itaparica para designar ocupações de caçadores diversificados em grutas e abrigos, que apresentam material lítico característico. Os instrumentos líticos dos sítios considerados da tradição Itaparica, no Nordeste, são principalmente lesmas de sílex de arenito silificado e de calcedônia (p. 172) e acrescenta que os instrumentos são raspadores circulares, semicirculares, laterais e na forma de leque, alguns finamentos retocados por pressão e furadores “de ombro” bem característicos. (p. 172).

Contas de colar, batoques labiais e tembetás de rochas, tais como jaspe, quartzo verde, quartzo hialino e amazonita, encontram-se por todo o Nordeste em cemitérios e sítios pré-históricos (MARTIN, G. p. 180).

Se tratando da arqueologia do Nordeste, o Piauí não poderia deixar de ser mencionado pela grande contribuição da pesquisadora Niède Guidon, de L' Ecole de Hautes Etudes em Sciences Sociales, de Paris, iniciou trabalhos sistemáticos no sudeste do Piauí. (MARTIN, 1996, p. 29) continua.

O contato inicial da doutora Guidon com a importante área arqueológica de São Raimundo Nonato foi como tantas vezes acontece, puramente casual. O prefeito da cidade enviara algumas fotografias com pinturas rupestres ao Museu Paulista, na década de 60, onde Niède Guidon trabalhava. Interessada pelo que viu nas fotos, procurou a arqueóloga conhecer o lugar de difícil acesso à época, e se deparou com um dos maiores conjuntos rupestres do mundo. As pesquisas começaram em 1970 com o auxílio de uma equipe interdisciplinar financiada pela França.

Em 1979, a Presidência da República criou o Parque Nacional da Serra da Capivara, para a defesa ecológica da região e como forma de se preservar aquele patrimônio arqueológico único. (p. 29).

Em 1991, o Parque Nacional da Serra da Capivara foi declarado pela UNESCO, Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade. (p 30).

O Projeto Central da Bahia é outro destaque na pesquisa arqueológica no Nordeste. O Projeto Central foi iniciado em 1982, no município Central na Bahia. A área denominada Região Arqueológica de Central – foi delimitada e registrada em 1983, englobando vários municípios em um total de 270.000 km² atualmente reduzida a pedido do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / IPHAN, a 100.000 km². Desde o início, o projeto foi coordenado pela professora Maria Beltrão, considerada uma das pioneiras da arqueologia brasileira.

O Sítio Justino descoberto entre as décadas de 80 e 90, está localizado nas margens do rio São Francisco no município de Canindé, no Estado de Sergipe, sobre um terraço fluvial, na confluência com o riacho Curitiba (Martin, G). Este sítio é de grande importância para a história da Arqueologia do Nordeste, descoberto em 1990, foi sistematicamente escavada pela Doutora Maria Cleonice Vergne da Universidade Federal de Sergipe. Foi parte de um projeto de salvamento arqueológico de Xingó. Atualmente é área da Hidrelétrica de Xingó.

Especificamente, a prospecção foi realizada no eixo do rio São Francisco a aproximadamente 8 km a jusante da cachoeira dos Veados, área situada entre 37°/38° 14 de longitude oeste e 9° 30'/9°40' de latitude sul, totalizando uma área de 81.40 km² (VERGNE, 1998).

Segundo (Martin, p. 57) é até hoje, a maior necrópole indígena do Nordeste, que chama atenção pela sua posição insólita, na confluência de dois rios, sujeita a periódicas inundações.

Muitos desses terraços foram utilizados pelos homens pré-históricos que habitaram a região de Xingó, uma vez que nesses espaços os homens dispunham de recursos ambientais para sua sobrevivência.

O estudo completo de tão importante conjunto esquelético é de particular importância para se conhecer as populações indígenas que povoaram o médio e baixo vale do São Francisco na pré-história, complementa (Martin, p. 58).

O Nordeste brasileiro é rico em sítios arqueológicos, entre líticos, cerâmicos, sepultamentos, vestígios em ossos e outros materiais encontrados em diversos projetos de pesquisa arqueológica. Essas pesquisas que realizadas por notáveis cientistas das diversas áreas do conhecimento, contam a história do povoamento, organização social, tipo de alimentação, coleta, vida social e religiosa, dos habitantes pretéritos do espaço, que atualmente é denominado de Nordeste.

3.1 A CERÂMICA DOS SÍTIOS NORDESTINOS

A cerâmica faz parte das diversas culturas dos grupos humanos pré-históricos e no Nordeste vem sendo pesquisada há décadas, pois fazia parte da vida desses povos.

O estudo dos artefatos cerâmicos no Brasil ganhou notoriedade com o início do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA – na década de 60 do século XX. Jocionira Coelho Silva escreve que esse programa visava à caracterização dos sítios cerâmicos num período de cinco anos (1965-1970), foi organizado pelos arqueólogos americanos Clifford Evans e Betty Meggers e contou com a participação de pesquisadores de todas as regiões brasileiras. Nássaro Nasser e Valentin Calderón representaram os estados nordestinos Rio Grande do Norte e Bahia, respectivamente.

Em relação ao PRONAPA, naquela época funcionava como uma metodologia padronizada para os trabalhos de campo e estudo dos artefatos cerâmicos. O principal instrumento para a análise quantitativa da cerâmica foi o arqueólogo James Ford,

complementa. Para determinar cronologias relativas em sítios arqueológicos a técnica utilizada era a seriação.

Segundo Martin (p. 133) o indígena do Nordeste, antes da colonização europeia, no seu estágio cultural mais avançado, nunca ultrapassou o estágio neolítico primário pré-urbano.

Quanto a sua habitação informa a pesquisadora, que não era permanente e que não conheceu o tijolo ou o adobe. Também não conheceu os metais, a roda nem o torno do oleiro e não domesticou nenhum animal economicamente rendável. Nas palavras da pesquisadora:

Sua organização social não estava dividida em classes. Sempre andou nu ou semi-nu. Sua situação cultural, na época do seu primeiro contato europeu era, possivelmente, estável há mil anos entre as populações agrícolas do litoral e, provavelmente, a mesma de três mil anos passados, entre os grupos de caçadores-coletores das regiões internas. Apesar disso, o grande interesse da pré-história brasileira, especialmente a das regiões mais ingratas do interior do Nordeste, está em se observar a grande capacidade de adaptação do homem a uma natureza particularmente adversa e constatar que, nesse meio hostil, ele foi capaz de criar e desenvolver uma arte expressiva e bela como são as pinturas rupestres, situadas nos domínios do semiárido. (MARTIN, p. 133).

Acrescenta a autora que, de restos arqueológicos orgânicos e inorgânicos deduzimos comportamentos formais de vida e lutas pela sobrevivência humana. Para entender a evolução cultural dos grupos étnicos e sua adaptação a um determinado meio, o arqueólogo usa a classificação dos objetos arqueológicos, sejam tipológicos, cronológicos, tecnológicos ou espaciais. (MARTIN, p. 134).

O homem pré-histórico durante sua trajetória em milhares de anos sempre retirou da natureza todos os recursos disponíveis e para suprir suas necessidades básicas, e tudo que precisavam estavam distribuídos na paisagem que os abrigavam.

Dentre esses recursos, retirados especificamente das rochas para a fabricação dos seus instrumentos. Durante o período Paleolítico que durou cerca de 2 milhões de anos, os instrumentos utilizados nos trabalhos de alimentação e defesa tinham como matéria-prima, lascas de pedra. Esses primeiros instrumentos eram rústicos, mais serviam aos propósitos dos povos daquele período da história da humanidade. A pedra foi utilizada para fabricar ferramentas que tinham a finalidade de cortar, raspar, perfurar, talhar, quebrar, esmagar ou moer. Facas, lanças, moedores e percutores tinham essa função. A matéria-prima usada era a que estava disponível no espaço habitado, como arenito, granito em regiões onde eram escassas, o sílex e calcedônia por exemplo.

Os pesquisadores dos vestígios líticos do Nordeste dizem que a maioria desses instrumentos são unifaciais obtidos a partir de lascas, por percussão direta e indireta, bipolar ou tratamento térmico.

As divisões dos objetos líticos podem ser feitas atendendo-se a seu uso e função e também da técnica empregada. As rochas utilizadas como matéria-prima são o sílex, a calcedônia, o arenito, silidificado, o quartzo, o quartzo hialino, o granito e o calcário.

Martin (p. 163) diz que os artefatos líticos do Nordeste são na sua grande maioria, unifaciais, obtidos a partir de lascas, por percussão direta e indireta, bipolar ou tratamento térmico. Não se tem localizado um número expressivo de pontas de projétil a não ser no Rio Grande do Norte.

3.2 A CERÂMICA

O primeiro critério utilizado no estudo de fragmentos cerâmicos é a identificação de sua morfologia, é feita a ordenação das peças de acordo com sua forma. A forma de um vasilhame cerâmico se divide em: base, bojo e borda.

A argila pode ser de várias cores: branca, cinza, ocre, vermelha, preta, etc, poucos ceramistas a utilizam pura, porque quebra com bastante facilidade. Por isso, preparam uma pasta cerâmica, mistura da cerâmica pura com outras substâncias que facilitam as modelagens e dá mais solidez a argila pura, e favorece a secagem e o cozimento.

A arte da cerâmica manifesta-se desde a mais remota antiguidade e é material seguro para que arqueólogos reconstruam aspectos de vida de antigas civilizações, por ser um dos poucos materiais que sobreviveram ao tempo.

4. O SÍTIO ANGIQUINHO NO SERTÃO NORDESTINO NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

O arqueólogo australiano Gordon Childe definia há mais de 50 anos, “sítio” como um lugar onde se encontram vestígios humanos inter-relacionados e que indicariam atividades humanas específicas, como habitações, túmulos, fontes de matéria-prima, santuários, destinadas respectivamente, a moradia, enterramentos, obtenção de materiais e ao culto religioso. (PROUS, p. 23)

A Usina Angiquinho, Patrimônio Histórico-Cultural de Alagoas, foi a primeira usina do Nordeste idealizada pelo empreendedor e industrial Delmiro Gouveia. Por determinado período foi a principal atração turística do município alagoano, na B423, próxima a ponte Dom Pedro II, divisa Alagoas/Bahia, atualmente está fechada para visitação.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, substituindo a denominação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial. A Constituição estabelece ainda a parceria entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, no entanto mantém a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens sob responsabilidade da administração pública.

O Artigo 216 da Constituição conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, a ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.”

Nessa redefinição promovida pela Constituição estão as formas de expressão, os modos de criar, fazer, e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações

artístico-culturais; os conjuntos urbano e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

O sítio Angiquinho durante algum tempo foi a principal atração turística do município alagoano, com visão privilegiada do rio São Francisco, com paredões que formam os cânions que encantam todos que os visita. Após a desativação o empreendimento passou a fazer parte de um complexo paisagístico, arqueológico e histórico de cerca de 240 hectares, que foi tombado pelo estado de Alagoas em 2006.

Segundo Vergne (2004), o aproveitamento pré-histórico desta área está relacionada a sua utilização como suporte para gravuras espalhadas nos caminhos naturais entre os terraços fluviais e o platô representado pelos leitos dos rios na maioria secos.

A utilização da área por tempos pretéritos está nas evidências dos seus vestígios, líticos, cerâmicos e gravuras rupestres.

No início do século XX, o Sr, Jayme de Altavila visitou esta região da Cacheira de Paulo Afonso, aqui obteve achados de grande relevância para a história do sítio. O " Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas" informa sobre a caracterização dessa coleção que está registrado no relatório (CAAPA) sobre Angiquinho:

O fascínio que desperta o estudo da evolução humana sempre esteve presente nos fundadores IHGAL, o resultou em inúmeras pesquisas. As certezas de existência e da importância dos vestígios de paleoíndios para a pré-história brasileira levaram Jayme de Altavila a efetuar escavações em Paulo Afonso. Furna dos morcegos, cacimbinhas e outros locais que estão sendo levantados. A coleção Altavila reúne 100 peças, a maioria de objetos líticos, coletados nessa pesquisa, algumas são doações feitas por Alfredo Brandão. Os laços de amizade com outros pioneiros, impede muitas vezes que se identifique o autor da coleta de

algumas peças, mas demonstra claramente o espírito de equipe dos jovens de então.

Quando no início de 2012 a CHESF, que é proprietária do Complexo Angiquinho, através de uma correspondência recebida do Sr. Luiz Rubens Bonfim, que relatava o seguinte: “uma coleção de registros fotográficos dos vestígios da pré-história brasileira da área da cachoeira de Paulo Afonso e outras localidades do sertão alagoano, que compõem a coleção do senhor Jayme de Altavila, hoje, constituinte do acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.”

A análise desse material fotográfico que chegou ao CAAPA/UNEB que havia recebido o convite para fazer o estudo da área, causou uma grande surpresa pois segundo Vergne, (p. 10) faz parte dessa coleção um material arqueológico de alta relevância, inclusive segundo literatura, pode-se contextualizá-los como ritualísticos, pois são em número de dez machados, sendo que quatro deles semilunares, porém só foi possível observá-los através de fotos, bem como de uma prancha de pintura rupestre, e fragmentos de ossos encontrados na Furna do Morcego.



Imagem 05 – Facão pedra



Imagem 06 – Machado Semilunar

Segundo Martin, (1999) e Prous (1991), o machado da pedra semilunar: esses autores, são encontrados em diversos estados brasileiros e até hoje são utilizados entre os jê como um objeto sagrado.

4.1 LEVANTAMENTO PROSPECTIVO – OCORRÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

Já próximo a completar 100 anos (2013), e pensando nessa comemoração de aniversário da usina, a CHESF solicitou o Tombamento Nacional de Patrimônio e, seguindo as normas do IPHAN, o Centro de Arqueologia e Antropologia de Paulo Afonso (CAAPA), Universidade do Estado da Bahia (UNEB) executaram o levantamento prospectivo e a escavação da área, buscaram e executaram projetos que assegurassem a preservação de sítios arqueológicos e históricos, assim como do patrimônio paisagístico.

Ainda consta no Relatório, que o CAAPA aceita a solicitação porque se justifica a necessidade de conhecimento real e inequívoco da realidade arqueológica no complexo, levantando o número de sítios por meio de prospecção total de varredura, resgatando remanescentes culturais em superfície e escavações de sítios, avaliando o grau de impactos (natural e antrópico) sofrido por eles até a data da realização dos trabalhos.

A escavação de um sítio segundo (Pallestrine, p. 21), desenvolve-se através de uma série de operações em sequência, cujo objetivo consiste na evidenciação mais precisa possível dos vestígios arqueológicos em suas estruturas características, dentro de um determinado contexto ambiental.

A autora citada define “vestígio” como o testemunho atual da atividade de uma comunidade pré-existente, representado por um artefato de pedra, de cerâmica, de fogueira ou sepultamentos. (p. 17)

O Sítio Angiquinho tem sua localização às margens do rio São Francisco, único perene na região, e riachos temporários como o Sinimbu, essa proximidade é favorável e pode

ter servido de fonte de matéria-prima para a cerâmica, pois em suas barrancas pode-se encontrar argila de boa qualidade, e em Angiquinho essas fontes existem e foram utilizadas em tempos pretéritos, quanto no tempo histórico, com a construção da vila operária existente no sítio e também construções no seu entorno.

Foram encontrados na prospecção realizada na área do sítio arqueológico, vestígios cerâmicos que na definição de (Pallestrini), os tipos cerâmicos podem apresentar-se em diversos aspectos decorrentes da maneira da decoração (p. 19). E continua informando que a decoração deve ser muito bem analisada, evitando-se considerações apressadas e superficiais.

Os vestígios encontrados indicaram uma área em tempos pré-históricos, tempos de caçadores-coletores ceramistas. Neste contexto de vestígios materiais associados aos homens, que são estudados pela arqueologia, ciência que é voltada precisamente, ao estudo do mundo material ligada a vida em sociedade, diz Funari (p. 16). Por meio de prospecção e escavações arqueológicas, recuperam-se vestígios que podem nos informar sobre os mais variados aspectos da vida no passado.

Com referência a antiguidade do sítio em questão, sendo descobertos líticos e cerâmicas, Funari (p. 19) informa:

Além dos líticos outro material que se preserva muito bem e constitui uma das principais fontes de informação sobre o homem pré-histórico é a cerâmica, os artefatos feitos de barro cozido ainda que o uso da cerâmica seja muito mais recente do que a pedra, atingindo um máximo de 12 ou 13 mil anos AP (antes do presente, equivale a "antes de 1950", como se costuma usar no estudo da Pré – História). A cerâmica pode nos informar sobre como as essas armazenavam produtos ou como comiam, mas, em alguns casos, a forma e a decoração também podem nos dar indicações a respeito da simbologia e dos valores sociais adotados.

4.2 AS OCORRÊNCIAS

Os procedimentos metodológicos adotados pelos pesquisadores do CAAPA/UNEB, teve início com a produção cartográfica (carta topográfica), fornecido pela CHESF, que cooperou sensivelmente no planejamento das prospecções sistemáticas e da escavação.

Continua o Relatório CAAPA/UNEB, que as sondagens e ou escavações seriam realizadas mediante portaria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), seriam realizadas sondagens verificatórias, e os vestígios encontrados nas escavações (cerâmica, líticos, louças, ferros etc) seriam devidamente passados pelo processo de curadoria (limpeza, tombamento, registro de tombo digital) e após estudos laboratoriais, seriam devidamente acomodados em caixas arquivos.

As nove ocorrências arqueológicas realizadas no Complexo Angiquinho, no povoado Jardim Cordeiro em Delmiro Gouveia – AL, situado no pediplano sertanejo próximo ao canyon do rio São Francisco, estão localizados entre vários conjuntos de torres de transmissão de energia, áreas compactadas com inferências nas matrizes sedimentares.

Anterior ao tombamento ocorreu extensa retirada de barro para construção, e desmatamento da vegetação nativa, as intempéries e as linhas de transmissão contribuíram para o comprometimento parcial da matriz sedimentar original. Todos os materiais coletados foram encontrados na superfície dispersos na área delimitada (cerâmica, lítico, louças, etc). (Relatório CAAPA)

Foram localizados seis sítios arqueológicos e apresentam especificidades próprias. A localização de quatro sítios a céu aberto ocorre nas proximidades da cachoeira de Paulo Afonso, em relação aos sítios de registro gráfico a localização ocorre nos paredões que recolhem a calha do rio, cujo curso em tempos pretéritos, compunham as suas várias quedas d'água. (VERGNE, p. 65)

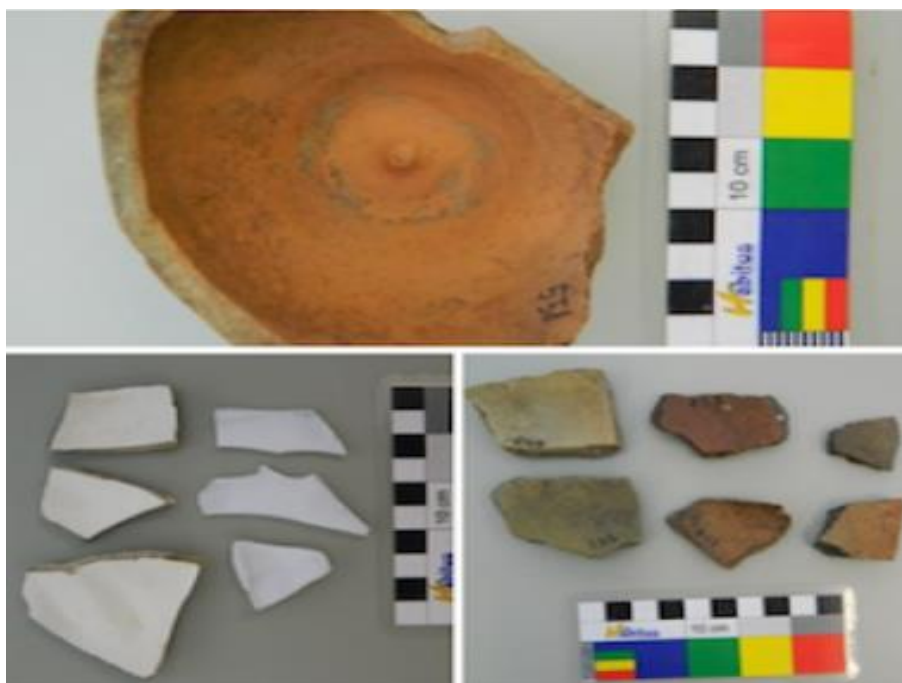


Imagem 7: Cerâmicas e louças (Relatório do CAAPA)

As nove ocorrências arqueológicas (Vergne, p. 65) realizadas no Complexo Angiquinho, Delmiro Gouveia – AL, ficam paralelas ao rio São Francisco no trecho da cachoeira. E contínua, a pesquisa iniciou-se no dia 11 de setembro de 2012 com a divisão da área em 09 setores, em seguida a demarcação das quadrículas topograficamente, finalizando o levantamento prospectivo. Quadrículas de 1 x 1, com distanciamento de 20 x 20 metros.

4.3 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE ANGIQUINHO, SEGUNDO RELATÓRIO CAAPA

Os sítios estão localizados na microrregião alagoana do sertão do São Francisco, no Bioma Caatinga. Destaca-se aí o Pediplano do Baixo São Francisco, neste espaço é possível encontrar vales de paredes abruptas (canyons) e terrenos com fortes desníveis (serras), que datam do período Pré – Cambriano.

Estes sítios fazem parte do Complexo Angiquinho no município de Delmiro Gouveia – AL, região do semiárido nordestino. Os critérios para delimitação do semiárido foram a precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm. O índice de Aridez de Thornthwaite igual ou inferior a 0,50 e o percentual diário de deficit hídrico igual ou superior a 60% considerando todos os dias do ano. Critérios aprovados pelas Resoluções do Conselho Deliberativo da Sudene de nº 107 de 27/07/2017 e de nº 115, de 23/11/2017, (SUDENE).

A competência para fixar critérios técnicos e científicos para delimitação do semiárido foi dada ao Conselho Deliberativo – CONDEL da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE pela Lei Complementar nº 125, de 03 de janeiro de 2017.

Os sítios descobertos nestes levantamentos prospectivos foram classificados nas categorias Pré – Históricos e Históricos. Os vestígios encontrados pela equipe da arqueologia Dra. Maria Cleonice Vergne, foram analisados, armazenados e fazem parte do acervo do Centro de Arqueologia e Antropologia de Paulo Afonso, CAAPA. Foram assim classificados:

OCORRÊNCIA	CATEGORIA	VESTÍGIOS
01	Pré – Histórico e Histórico	Cerâmica, louça e lítico
02	Pré – Histórico e Histórico	Lítico – metal
03	Histórico	Metal
04	Pré – Histórico	Lítico
05	Pré – Histórico	Lítico
06	Pré – Histórico	Lítico
07	Pré – Histórico	Lítico – alisador
08	Histórico	Cerâmica
09	Histórico	Louça
Tabela 1 – Ocorrências		

SÍTIO	CATEGORIA	VESTÍGIOS
01	Pré – Histórico – Histórico	Cerâmica – louça
02	Pré – Histórico – Histórico	Cerâmica, louça, metal, tijolo, lítico
03	Pré – Histórico	Lítico
04	Pré – Histórico – Histórico	Cerâmica, lítico, louça
05	Pré – Histórico	Registro Gráfico
06	Pré – Histórico	Registro Gráfico

Tabela 2 – Sítios

Os vestígios foram coletados dispersos na área delimitada que tem o rio como fator geológico da paisagem. Neste sentido, descreve Vergne (p. 80):

No contexto, que em tempos pretéritos poderiam ter sido conjuntos de matações a exemplo da área arqueológica de Paulo Afonso – BA, que apresentam esse mesmo contexto geológico com ausência e lacuna de onde foram quebrados os matações com pintura rupestre para gerar paralelepípedos.

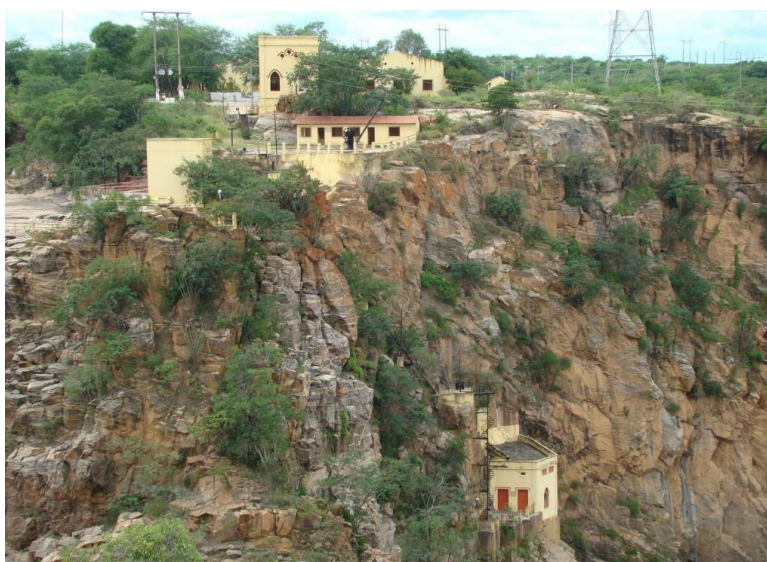


Imagem 8: Angiquinho (arquivo FUNDEG)



Imagem 9 Cachoeira de Paulo Afonso

4.4 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Durante o período de escavação no Sítio Angiquinho, Delmiro Gouveia – AL realizada pelo CAAPA (Centro de Arqueologia e Antropologia de Paulo Afonso), UNEB (Universidade do Estado da Bahia) e HABITUS – Assessoria e Consultoria LTDA, foram realizadas atividades decorrentes do “Programa de Educação Patrimonial na área de influência da pesquisa arqueológica”. As ações educativas foram realizadas em escolas públicas dos povoados circunvizinhos da área da escavação.

As atividades foram efetivadas à sombra das copas dos umbuzeiros e a área do antigo elevador da Furna do Morcego, relata a Coordenadora do CAAPA, Dra. Cleonice Vergne, os alunos fizeram visita técnica na área da escavação. As escolas de ensino fundamental foram: Escola Municipal Castro Alves, Escola Municipal Manuel Moura de Souza, Escola Municipal José Correia Filho, todas do entorno do Complexo Angiquinho. O resultado dessa Ação Educativa “está no Relatório de Atividades do Sítio em estudo.” (p. 283).



Imagem 10 - Vergne em visitação ao sítio Angiquinho com estudantes. Fonte: Arquivo CAAPA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresenta o resultado da pesquisa bibliográfica focando na história do Complexo Angiquinho, localizado no pediplano sertanejo, na margem alagoana no município de Delmiro Gouveia/AL.

Lembramos da bela paisagem no local Angiquinho, onde se pode observar os canyons do rio São Francisco, tão visitados e admirados por tantas pessoas que os visita, é local de passeios turísticos tanto de Delmiro Gouveia/AL, quanto de Paulo Afonso/BA.

O acervo do CAAPA conta com os vestígios do sítio arqueológico de Angiquinho que segundo a coordenadora Cleonice Vergne foram encontrados na superfície do sítio, são ferramentas tais como: pilões, lâmina de machado, batedores, núcleos, lascas, material cerâmico, fragmentos de louças, amostras de telha e tijolo, de utensílios de uso doméstico como faca, garfo e de cartuchos de bala.

Inclusive no Relatório que está no CAAPA está bem documentado que esta área da Cachoeira de Paulo Afonso foi investigado pelo Dr. Jayme de Altavila, encontrando ali peças de alta relevância, este acervo está no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas em Maceió-AL.

A equipe científica que fez as ocorrências, neste sítio faz uma efetiva recomendação (p. 292) para que novas prospecções, projetos de escavação e conservação dos sítios tenham continuidade. Angiquinho é um lugar a se ressignificar.

REFERÊNCIAS

CHESF: **Comitê da bacia hidrográfica do Rio São Francisco**. Disponível em: <http://cbhsãofranciscoorg.br> . Acesso em 15 de outubro de 2016

CHESF / ENG – RIO. EIA – **Rima da UHE – Xingó. Tomo I e II, Diagnóstico Ambiental, Meio Físico**, v. 02/1993 b.

CIDADE BRASIL. **Mesorregião do Sertão Alagoano**. Disponível em: <http://www.cidade-brasil-com.br/messoregiao-do-sertao-alagoano.html>. Acesso em 20 de agosto de 2015

EMPERAIRE, Annett Laming. **Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul**. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. Manuais de Arqueologia. Nº 2. 1967

FEITOSA, Edvaldo Araújo. **Água Branca história e memória**. 2º Edição Revisada e Ampliada. Edufal – Maceió, AL. 2015

FUNARI, Pedro Paulo. **Pré – História do Brasil**. Editora Contexto – São Paulo 2009

GALDINO, Antônio da Silva, LIMA, João de Souza. **Angiquinho 100 anos de história. Paulo Afonso**. Bahia 2013. GALCOM – Comunicações. EGBA – Empresa gráfica da Bahia.

MACEDO, Jackline et al. **Arqueologia na Paisagem, novos dilemas e instrumentais**. RIO BOOKS – 2012. 1º Edição

MARTIN, G. **Pré – História do Nordeste do Brasil**. Recife, UFPE, 1999.

MARTIN, G. **O Povoamento Pré – Histórico do Vale do São Francisco**. Brasil. Revista CLIO – Série Arqueológica. Recife – PE volume 1 nº 13 – 1998.

MARTIN, G. PESSIS, A.M. **Breve Panorama da Pré – História do Vale do São Francisco no Nordeste do Brasil**. In: Fundamentos, v 1, nº 10, São Raimundo Nonato, 2013.

PALLESTRINE, Luciana Morais J. L. **Arqueologia Pré – Histórica Brasileira**. 1980, Universidade de São Paulo – Museu Paulista Fundo de Pesquisas – São Paulo.

PROUS, André. **O Brasil antes dos Brasileiros. A Pré – Histórica do Nosso País**. Rio de Janeiro: Zará, 2007.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**: Editora UNB, 1992 Brasília – Brasil

REIS, Roberto Ricardo do Amaral. **Paulo Afonso e o Sertão Baiano: Sua Geografia e Seu Povo**. 2004 1ª Edição. Editora Fonte Viva. Paulo Afonso, BA

VERNE, Maria Cleonice Souza. **Relatório de Atividades de Pesquisa. Arqueológica no Complexo Angiquinho** – Julho de 2013. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Centro de Arqueologia e Antropologia de Paulo Afonso – CAAPA. HABITUS – Assessoria e Consultoria LTDA.

SILVA, Antônio Galdino. **Folha Sertaneja**. 29/01/2013

Souza, A.C. **Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais**. HABITUS, 3 (2), 291 – 300: 2005.

SUGUIO, K. **Geologia do Quaternário e mudanças ambientais: passado + presente = future?** São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2001.

UNESCO – ICOMOS. **Carta sobre a Proteção e a Gestão do Patrimônio Arqueológico 1990**. Trad. Por Antonio de Borja Araujo, 2006.

VERGNE E MARQUES, J. **Pedras pintadas: dilemas socioambientais do Complexo Arqueológico de Paulo Afonso**. Paulo Afonso. Fonte Viva, 2009.